

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens nequaquam
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *O episcopado brasileiro*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 54.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Padre Agostinho de Montefeltro; Um Bispo segundo o Coração de Jesus*, por J. J. M. R.; *Impressões de viagem d'um padre portuguez*, por ***; *Atissa a bordo*, por ***.—Secção Bibliographica.—Secção Necrologica.—Retrospecto, por F.

Gravuras: *Apedrejavam Estevão...; Homens tementes a Deus...*

SECÇÃO RELIGIOSA

O episcopado brasileiro

PASTORAL COLLECTIVA

do Episcopado brasileiro ao clero e aos fiéis
da Igreja do Brazil

(Continuação do n.º antecedente)

Onde está, pois, a verdadeira Igreja de Jesus Christo? Onde está a Igreja? Uma na sua fé e na sua doutrina, *Catholica, Universal* na sua extensão, abrangendo todas as nacionalidades; estendendo a acção do seu apostolado a toda a terra? Onde está a Igreja *Apostolica*, que mostra uma cadêa imensa e continua de pontifices, de bispos, transmittindo-se regularmente os poderes do sacerdocio real de Jesus Christo, desde os tempos dos apóstolos até nós? Onde está a Igreja *Santa* na sua origem, santa na sua doutrina, santa nos seus sacramentos, santa em tantos heroes de santidade nascidos. como flôres do paraíso, em seus seios fecundos?

Onde está a Igreja *indefectível*, que tenha visto brotar e desaparecer no turbilhão da historia constituições e dynastias, imperios e republicas, que tenha atravessado dezoito seculos de perseguições sangrentas, de oppressões sem numero, de luctas encarnicadas, de ardentes polemicas; sujeita de continuo ao contraste da sciencia incredula, da razão revolta; sempre a mesma, sempre victoriosa dos erros e mi series dos homens e dos tempos? Onde está, em summa, a Igreja fundada sobre *S. Pedro*, na qual a auctoridade d'este Vigario de Christo, sempre viva e permanente nos seus successores, seja universalmente acatada, venerada, obedecida?

Será o schisma moscovita, curvo, tremulo ao menor aceno do czar seu

chefe? Será o schisma grego, agachado aos pés do sultão de Constantinopla, a receber d'elle a investidura das funcções sagradas? Será o protestantismo, congerie de seitas divergentes, desapegadas, ha trezentos annos apenas do tronco catholico, e desapegando-se successivamente uma das outras, todas locaes, todas ephemeras, igreja de Lutero, igreja de Calvino, igreja de Wesley e de tantos outros; mas não a Igreja?

Não, dignos cooperadores e filhos muito amados, os lineamentos da instituição evangelica, evidentemente, só os vemos na grande instituição da Igreja Catholica.

Pois bem! Depois d'este ligeiro exame podeis acaso comprehender que a Igreja Catholica, a verdadeira Igreja de Jesus Christo, consinta em ser equiparada a qualquer seita, e aprove, e tome como regra sua a chamada tolerancia moderna, proclamando ella propria a egualdade dos cultos?

Compreendeis a Igreja Catholica, fundada por Deus para estabelecer o reino da verdade em todo o mundo, dizendo no principio logo ao paganismo: Tu tens tanto direito como eu a seres ouvido; siquemos, pois, em paz ao lado um do outro, tolerando-nos mutuamente?

Compreendeis a Igreja Catholica dando o osculo de paz aos Gnosticos, aos Manicheus, aos Ebionitas dizendo-lhes: Vós dissolveis Jesus Christo, vós corrompeis o christianismo, professais erros asquerosos, immundos; mas sois livres de propagal os, como eu de propagar a verdade? Todos temos o mesmo direito de nos fazer ouvir?

Compreendeis a Igreja Catholica dizendo a Ario que negava a divindade de Jesus Christo, dizendo a Nestorio, dizendo a Eutyches, dizendo a Donato, dizendo a Berengario, dizendo a todos os schismaticos, a todos os heresiarchas que ella condemnou nos seus concilios e expulsou de seu seio: Tendes o direito sagrado de propagar vossas

heresias, como eu o de manter a immaculada orthodoxia de meus dogmas?

Compreendeis a Igreja Catholica dirigindo igual linguagem ás seitas modernas, que formigam em cardumes no seio da Babel protestante, ao torpe mahometismo, ás absurdas theogonias da Asia e Africa pagãs: Ide por toda a parte; ide ao Brazil; ha logar para todos; vós tendes tanto direito como eu ao amor e á adhesão dos povos?

Mas o que pedis á Igreja Catholica é a tolerancia ou é o suicidio? Ella não pôde sem contradizer toda a sua historia, sem renegar a sua propria essencia, sem annullar-se, sem aniquilar-se completamente, sem trahir a Jesus Christo, admittir o principio que todas as religiões são egualmente verdadeiras, ou que todas são falsas, ou que sendo uma só verdadeira, seja indifferente abraçar esta ou as outras; como se a verdade e o erro tivessem os mesmos direitos perante a consciencia!

Impossivel, absurdo!

Não, a Igreja Catholica não pôde admittir semelhante enormidade.

«Mas, dizem, o homem é absolutamente livre de pensar, de fallar e escrever o que quizer. Tem a liberdade de consciencia e portanto de religião.»

E' falso. Uma cousa é a liberdade *physica*, outra cousa é a liberdade *moral*. A vontade, no ente racional, deve guiar-se pelo lume da recta razão. «O poder enganar-se e enganar-se realmente é defeito que accusa a ausencia da perfeição integral na intelligencia; assim tambem o apegar-se a um bem falso e enganador, sendo o indicio do livre arbitrio, como a molestia o é da vida, constitue todavia um defeito da liberdade.» (1)

O erro não tem, pois, direito ao assenso das intelligencias; o mal não tem direito á annuencia das vontades.

(1) Eueycl. *Libertas protestantissimum* do SS. Padre Leão XIII.

Isto é evidente.

O fallar, o escrever estão por igual sujeitos ás leis da honestidade, da justiça e da verdade.

Quizeramos saber se os partidarios da liberdade de consciencia permittiriam em seu salão palavras e actos obscenos, sob pretexto que aquelles que assim procedem nada n'isso acham de máu, e é mister respeitar-lhes a *liberdade de consciencia*?

«Mas, em religião, insistem, o que uns dizem ser a verdade, os outros negam. O que affirmais da Egreja Catholica não é admittido pelos protestantes. Respeite se, pois, a opinião de todos.»

E desde quando a contestação de um direito equivale á sua destruição? (1) Um principio é sempre falso todas as vezes que d'elle se deduzem falsas consequencias. Ora, a admissão de semelhante theoria, chegaria, como demonstra Balmes, a esta conclusão: que a sociedade não tem mais direito de punir certos criminosos. Os crimes politicos, por exemplo, devem passar todos impunes, porque os que os commettem julgam até ter feito actos de heroismo: foi o amor da patria, e ás vezes o zelo da religião que os inspiraram; todos os conspiradores, tentando destruir um poder por elles considerado como illegitimo e tyrannico, têm a certeza de bem obrar, de bem merecer da nação. No entanto as mesmas republicas mais liberas punem, e punem de morte os conspiradores. Nem poderia haver governo e ordem social sem esta justa severidade. Diga-se o mesmo dos que estão intimamente convencidos da liceidade da vingança, do duello; diga-se o mesmo dos socialistas que usam de petroleo para acabar com a actual sociedade que elles têm a profunda convicção de não poder ser reformada, senão por este meio.

Em face de todos estes e de quantos contestam á sociedade o direito de punir, como os que hoje sustentam que o homem é levado pela fatalidade do meio e de suas inclinações, ou que não ha mais réos, mas só enfermos, nem deve haver mais prisões senão sómente casar de saude: em face de todos esses erros desarma-se porventura a sociedade, e perde a consciencia de seu direito de punir?

Assim a verdadeira religião, o christianismo catholico, *única* religião, *qua se demonstra*, sublime nos seus dogmas, perfeita na sua moral, não perde os seus direitos, só porque alguns o contestam.

•Seja, dirão. Mas este principio que adoptais, que o Estado deve ter uma religião, e a esta só proteger, é tam-

(1) Vid. *Opus. cit.*

bem espada de dous gumes, que a vós mesmos pode ferir. Deveis então confessar que tinham razão os Cesares romanos quando defendiam contra os christãos a religião do imperio. Deveis applaudir a intolerancia dos protestantes, que até bem pouco privavam de direitos civis os catholicos da Inglaterra.»

Respondemos: não se deve sacrificar um principio, só porque d'elle se faz uma falsa applicação. Se o governo perseguidor está em boa fé, se labora em erro, mas erro para elle *invencivel*, sobre a religião catholica, julgando-a falsa e má, sua acção é só *materialmente injusta*. Equivale á sentença de um tribunal que em boa fé pune um innocente.

Mas têm a maior parte dos perseguidores da nossa fé uma consciencia *invencivelmente erronea*? Para isso era mister que depois de maduro, imparcial e diligente exame, elles se tivessem convencido do erro do Catholicismo — da verdade da religião que sustentam. Estão elles n'este caso? (1).

«O velho paganismo, como observa um douto escriptor, admittia em seus lares todos os deuses e todos os cultos, até as religiões mais immorales; com que direito repelliu elle a Egreja? com que direito recusou a liberdade a esta pacifica instituição, que por tantos titulos a elle se apresentava, como bemfeitora da sociedade e auxiliar do poder?»

«A conspiração urdida no XVI seculo pelos Estados protestantes para destruirem a Egreja existente, e despojal-a dos direitos que lhe assegurava, além de sua origem divina, uma posse quinze vezes secular, essa revolta foi por certo tão sacrilega, como a pretensa reforma de que sahiram os Estados. Além d'isso, por sua propria doutrina sobre a natureza do Christianismo e a constituição da Igreja, tiraram os protestantes a si proprios o direito de usar de intolerancia para com os sectarios de um culto qualquer.

(Continua).

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

5-1.º

CXXVIII

P. Nicolau Caussin

or este jesuita um distinctissimo orador sagrado no segundo quartel do seculo XVII, durante o reinado de Luiz XIII. Este monarcha,

(1) Ibid.

informado do seu merito, o escolheu para seu confessor, cargo difficil que elle desempenhou dignissimamente, sem jámais se desviar dos seus deveres no meio das intrigas da córte.

Nicolau Caussin nasceu em Troyes (França), no anno de 1583; entrando ainda joven na Companhia de Jesus, tornou-se conhecido por suas eminentes qualidades, sendo amado de todos, com especialidade de S. Vicente de Paulo, que n'esse tempo florescia n'aquelle reino.

O celebre abbade Gregoire, auctor insuspeito, na sua *Historia dos confessores dos reis*, diz que Caussin tinha um espirito cultivado, um caracter igual e doce, que lhe conciliava a estima geral. E' um testimonho irrecusavel.

Madame de Motteville, contemporanea d'este jesuita, nas suas *Memorias de Anna de Austria*, afirma que elle foi verdadeiramente incorruptivel; que podia facilmente subir ás dignidades ecclesiasticas, se quizesse capitular com a consciencia; mas procedeu sempre com inteireza.

D'estes testimonhos se prova que o jesuita Caussin era um bom religioso, unicamente applicado ao cumprimento do seu ministerio, sem ambições.

Morreu em Paris, em 1651, considerado por todos como um homem de probidade, inabalavel nos seus deveres religiosos.

O fructo de seu talento e trabalho se dá a conhecer no grande numero de obras que publicou em francez e em latim, sobre eloquencia, rhetorica e poesia, elogiadas por Pedro Bayle, João Vossio e outros.

Ha d'elle uma obra notavel de piedade, intitulada a *Córte Santa*, cheia de boa moral e acompanhada de exemplos historicos. Consta de 5 volumes. Foi esta obra traduzida em todas as linguas. Vimos d'ella uma versão portugueza, e é commumente citada pelos auctores que tratam de theologia mystica.

O marquez de Argens zombou altamente d'esta obra; mas não deve isto ser estranhado por quem não ignora os sentimentos irreligiosos d'aquelle famoso sophista, que, felizmente, morreu como catholico.

Escreveu tambem o jesuita Caussin a favor dos theologos da Companhia, refutando um libello publicado contra elles.

CXXIX

P. Thomaz Tamburini

Nasceu este celeberrimo casuista na Sicilia, no anno de 1591, sendo d'uma familia illustre, cuja grandeza abandonou para abraçar a humildade e pobreza religiosa na Ordem de Santo Igna-

cio. Foi homem de grande virtude, innocencia de vida, costumes santissimos, religioso perfeito, sendo no collegio o exemplar de todos.

Entre as maiores occupações e cuidados, já ensinando rhetorica, philosophia, theologia dogmatica e moral, já regendo alguns collegios da sua Ordem, nunca omittiu a oração e a meditação. Benigno com todos, era severo consigo mesmo.

Na humildade era admiravel. Em certa occasião um noviço o reprehendeu por algumas doutrinas que sustentava nos seus escriptos. Thomaz Tamburini calou-se.

Ensinou theologia por espaço de vinte e quatro annos, sendo consummado n'esta sciencia, considerado como um notavel casuista entre os principaes do seu tempo, de grande auctoridade em theologia moral.

Morreu piamente em Palermo, no anno de 1675. Todas as suas obras versam sobre theologia moral, escrevendo n'esta materia com muita elegancia e clareza.

Mas dirá alguém: Então Thomaz Tamburini é um homem notavel da Companhia de Jesus? Notavel em quê? Em ser um moralista relaxado, um dos primeiros casuistas que emittiu opiniões pouco seguras, reprehensíveis, absurdas, immoraes, que destóam do Evangelho e da razão?...

Resposta a estas e outras accusações de certos theologos, sobretudo dos jansenistas:

A auctoridade ecclesiastica nunca confirmou estas censuras, que, a serem bem fundadas, seria o bastante para condemnar as obras de Tamburini. Antes elle é citado com honra pelos mais eminentes theologos, inclusive por Bento XIV.

Admittimos, porém, que elle seguiu algumas opiniões pouco seguras. Mas, por outro lado, não se deve julgar da sua doutrina por textos destacados. Depois, Tamburini adoptou opiniões que eram communs no seu tempo, com boas intenções, e não em sentido odioso.

Apesar d'esses defeitos, que hoje se devem desculpar, a doutrina moral de Tamburini é sã. Ella foi approvada por Ezydio de Mello, franciscano, e por Mathias Navé, conego de Tournay.

Finalmente ouça-se o juizo que de Tamburini faz Santo Affonso de Liguori na sua *Theologia Moral*, liv. III, n.º 645.

Diz este santo doutor:

«Permitta-se me aqui de passagem dizer uma palavra a respeito d'este auctor (Tamburini) que por alguns é tido em pouco. Não pôde negar-se que Tamburini é muito facil em dar o peso de probabilidade a opiniões que não mereciam chamar-se provaveis, e por isso se deve lêr com cautella. Comtudo,

quando elle falla segundo o seu parecer, para me servir das palavras do doutissimo e illustrissimo Bispo D. Julio Torní, falla theologicamente, e resolve as questões pelos proprios principios, de maneira que as sentenças, que elle julga mais provaveis, ao juizo dos sabios são sem duvida mais provaveis.»

Este testemunho de Santo Affonso é de grande peso, e parece-nos que deve ser preferido ao d'outro qualquer auctor. E' certo, porém, que Tamburini foi um dos auctores classicos em moral e eminente em virtudes; e por isso é innegavel que devemos consideralo como um homem notavel da Companhia de Jesus.

Não deve confundir-se este jesuita com Miguel Angelo Tamburini, fallecido em 1730, e que foi geral da Ordem de Santo Ignacio, mas que não é conhecido como theologo.

Ha um outro theologo do mesmo cognome, Pedro Tamburini, doutor em theologia, que viveu nos fins do seculo XVIII: abraçou o jansenismo, e as suas obras são condemnadas.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Padre Agostinho de Montefeltro

(Continuação)

Foi no santo monte d'Alverne, que o P. Agostinho tomou o asperoburel do Pobresinho d'Assis, e passou os primeiros annos da sua vida religiosa.

Aquelle logar tão celebre em toda a christandade pelo maior milagre que Deus operou no seu grande servo Francisco, parece que fôra formado pela Providencia para ser o asylo privilegiado da penitencia e da oração. A *aspera rocha* cantada por Dante surge como uma pyramide, magestosamente horrida, perto das nascentes do Arno. «Para adornar os logares santificados pela vida e morte de Francisco, diz um auctor franciscano, serviu-se Deus do genio e da mão dos mais famosos artistas; mas em Monte Alverne quiz ser elle mesmo o architecto, o esculptor e o pintor. O senhor, infinitamente rico de misericordia, quiz que o Monte Alverne fosse proprio para attrahir a si innumeravel gente, e para suscitar até nos corações de grannito sentimentos de compunção e de piedade. Quem quer que alli sobe, deve sentir dizer ao coração:—Recolhe-te em ti mesmo, humilha-te, ora, odeia a

iniquidade, ama a cruz, faz penitencia, não troques pelos bens caducos do mundo as riquezas da eternidade.» (1) Com effeito, desde os tempos de S. Francisco, Alverne, o Monte Sacrosanto como o disse Innocencio IV, foi sempre uma eschola de santidade. Uma legião innumeravel de Santos foram alli inflammarse cada vez mais no amor divino e adestrar-se nos vãos das celestes contemplações: e as regras d'austeridade que elles observaram são as mesmas que hoje alli observam os filhos do Patriarcha Seraphico. Como nos tempos de S. João de Capistrano, de S. Bernardino de Sena, de S. Leonardo de Porto Mauricio, levantam se á meia noite para entoar em commum os louvores divinos, passam longas horas em oração e meditação, mortificam-se com rigorosos jejuns, flagellam-se com disciplinas de ferro, vão todas as noites em commovente procissão do templo maior á igreja das Chagas, em memoria do grande prodigio. «Commove o coração, diz um escriptor francez, e confirma a fé do milagre, ver aquelles religiosos, cobertos com os escuros mantos, seguirem dois a dois, cantando hymnos interrompidos por pausas, nas quaes não se ouve senão o rumor dos passos, o som do sino, e o murmurio das arvores agitadas pelo sopro dos ventos».

Attrahido pela fama de santidade dos religiosos de Monte Alverne, o Cardeal Joaquim Pecci, hoje Leão XIII, quiz ir alli recolher se por doze dias, no anno de 1872; e de tal modo ficou commovido, que não sahio d'aquelle sagrado convento sem escrever a Pio IX, annunciando-lhe como «partia edificado do meio d'aquelles religiosos exemplarissimos (2)».

Um d'estes religiosos exemplarissimos era o P. Agostinho de Montefeltro.

Nos imprescrutaveis designios da sua misericordia, tinha o Deus chamado ao Golgotha Seraphico para formal-o n'aquella eschola, onde um immenso numero de Santos foram accender-se em amor mais forte pelas empresas apostolicas, e onde o mais glorioso filho de S. Francisco, S. Antonio de Lisboa, compoz os seus admiraveis sermões.

Quando o convertido de Montefeltro se apresentou á porta do sagrado convento de Monte Alverne era alli superior um santo religioso, o P. André de Quarata, o mestre e cooperador da Ven. Serva de Deus Anna Lapini, Fundadora das Religiosas de S. Francisco das Chagas. O P. André de Quarata foi o maior apostolo da Italia n'este seculo. Os bis-

(1) Chitignano: *San Francesco Stimatizzato*, pag. 63.

(2) Chitignano: *San Francesco Stimatizzato*, pag. 323.

pos porfiavam em chamal-o para evangelizar as suas dioceses, e sahiam lhe ao encontro para entregar-lhe o crucifixo e segui-o como simples missionarios. As terras da Toscana, a que elle especialmente consagrou as suas fadigas apostolicas, viram scenas dignas dos melhores tempos do christianismo. Este infatigavel apostolo franciscano deu, durante a sua vida, mil cento e oitenta e quatro missões, todas fecundas de fructos prodigiosos, e algumas até assignaladas por grandes milagres. Viram-se enfermos sarados instantaneamente, e o prodigio ainda maior de impios obstinados, que indo procurar o santo missionario para ultrajal-o e impedir a sua prégacao, de repente caíam convertidos aos seus pés. O P. André de Quarata, chamado o S. Leonardo dos nossos tempos, deixou esta vida em conceito de santidade a 16 de Fevereiro de 1879, e não tardará talvez muito a iniciar se a causa da sua beatificação. (1)

Foi este valoroso soldado de Christo que recebeu em Monte Alverne e deu o habito seraphico ao P. Agostinho de Montefeltro, que o guiou e educou na vida religiosa, e lhe abriu o caminho da prégacao.

Entre os conventos fundados pelo P. André de Quarata, celebradissimo é o Retiro do *Incontro* que elle instituiu no alto d'um monte junto de Florença, e que lhe fora dado por Pio IX para alli estabelecer um collegio de missionarios franciscanos. A vida tão austera de Monte Alverne pareceu suave ainda ao P. André, e quiz dar ao convento do *Incontro* regras ainda mais rigidas. A pobreza franciscana brilha alli em todo o seu esplendor. «No convento do *Incontro* a pobreza habita como em sua propria casa: ha alli pobreza de tudo, menos de cruces, pois d'estas quiz o P. André que houvesse grande abundancia (2).» Os religiosos vivem unicamente de esmolas que se vão mendigando, e o proprio pão deve ser mendigado de semana em semana pelas terras visinhas; todas as sextas feiras da quaresma e nas vigalias das grandes solemnidades comem de joelhos; as louças são de barro grosseiro, e os mesmos superiores são obrigados a lavar os pratos; não podem fallar senão por necessidade ou para exercitar alguma virtude, mas sempre em voz baixa, e nas sextas feiras nem sequer assim podem fallar senão em caso de extrema necessidade; não podem sahir senão para confessar algum doente ou por outra causa justificada; as obras de penitencia e humil-

dade são multissimas; as cellas dos religiosos não têm senão dez palmos de largura e oito de comprimento, e as paredes são apenas emboçadas com porta de dois palmos de largura; e pouco mais podem alli ter do que o que tinha S. Leonardo de Porto Mauricio, isto é, duas taboas e um cobertor de lã para dormir, uma cadeira e mesinha de madeira tosca, uma caveira, algumas imagens pobres, e os livros necessarios. As regras prohibem expressamente que possam admittir-se no convento do *Incontro* senão religiosos de grande virtude, e que tenham a sciencia e os outros dotes necessarios para formar um bom missionario. (1)

N'este novo rigidissimo retiro quiz o P. André de Quarata ter por companheiro o P. Agostinho de Montefeltro, a quem amava com particular ternura. Indo um dia o santo religioso a Monte Alverne, chamou o P. Agostinho e pediu-lhe que o seguisse para o *Incontro*. Quando subia o monte, o P. André voltou-se para elle, disse-lhe: *Agora, Agostinho, levo-te a habitar sobre este monte, santo pela oração e pela penitencia dos nossos irmãos que n'elle habitam; mas quando te tiveres tornado a aguia dos montes, deixardes este ninho, e descerdes a planicie, para nunca mais aqui teres morada.*

Por este modo admiravel começava Deus a manifestar os seus altos desígnios sobre o penitente de Monte Alverne. Como o ardente filho de Tarso surpreendido na estrada de Damasco, Deus lhe embargara o caminho do erro para fazer d'elle um vaso d'eleição e mandal-o annunciar o seu nome no meio das gentes. Mas a profunda humildade não o deixa sequer comprehender este aviso da sua vocação apostolica. O P. Agostinho de Montefeltro, entrando no convento do *Incontro*, não pensa senão na propria santificação; e n'aquelle rigidissimo retiro, no meio d'uma companhia de santos, a santidade da sua vida é objecto d'admiração. Mas Deus, que o destinava ás grandes empresas d'um singular apostolado, quiz fazer-lhe ouvir claramente a voz da sua vocação. Um dia o P. André de Quarata, partindo para uma missão, chamou o P. Agostinho para ser o seu companheiro. Talvez elle nunca pensara em subir ao pulpito; temia pela sua humildade prégar mesmo ao povo dos campos; mas a voz do varão santo venceu a sua repugnancia. Os fructos d'esta sua primeira prégacao foram tão extraordinarios, que o P. André, terminada a missão, disse-lhe: *Agostinho, agora já não podes duvidar de que é este o campo para onde Deus te chama.* Des-

de aquelle dia o P. Agostinho de Montefeltro dedicou-se com todo o ardor ao ministerio apostolico, convencido de que obedecia ao chamamento de Deus. Inflammado de zelo pela salvação das almas, percorre a pé as terras da Toscana, das Marcas e da Umbria, produzindo por toda a parte fructos prodigiosos de salvação. Um dia, chegando a uma povoação de Rieti coberto de suor e de pó e arquejante pelo cansaço, o povo ficou commovido, e o Arcipreste, indo-o logo procurar, exclamava: «A vossa primeira prégacao está feita, e foi muito salutar. Este povo, vendo-vos chegar n'este estado, julgou como devia a vosso respeito e entrega-se aos vossos braços.» Com effeito, um sabio franciscano, narrando os fructos d'esta missão, escrevia: «Viu-se n'aquelle povo um entusiasmo geral e uma total transformação». As grandes cidades não conheciam ainda o nome do P. Agostinho de Montefeltro, o qual não fazia ouvir a sua voz senão aos povos das aldeias e das pequenas povoações; mas a fama dos prodigios operados por meio da sua prégacao fazia exultar a inclita Ordem de S. Francisco, e na Vida do servo de Deus P. André de Quarata, impressa em 1881, já se liam estas palavras: «O P. André procurou bons companheiros para as missões, e ganhou para a Ordem Seraphica homens distinctos, entre os quaes se conta o P. Agostinho de Montefeltro, prégador que arrebatava todos os corações e faz conversões maravilhosas. (1)

(Continúa).

Um Bispo segundo o Coração de Jesus

† E a nação Israelita tinha contrahido uma enorme divida de gratidão para com o Senhor, por lhe haver concedido, na pessoa de David, um rei segundo o Seu coração, não menos gratos devem ser á divina Providencia os açorianos, por lhes haver dado um Bispo modelado pelo exemplar sublime do Sagrado Coração de Jesus.

Assim o demonstrem a acrysolada devoção com que o piedoso Prelado angrense procura consagrar áquelle amoroso Coração os corações de todos os seus diocesanos, e as muitas virtudes e distinctas qualidades que exornam a sua sagrada pessoa.

O *mitis sum et humilis corde* do Evangelho forma o character particular e a feição proeminente do illustre An-

(1) MEMORIE intorno alla vita e alle opere del P. Andrea da Quarata: cap. IX, X, XIII, XVIII, XIX.

(2) Ibid. pag. 107.

(1) MEMORIE intorno alla vita e alle opere del P. Andrea da Quarata, pag. 96 e seg.

(1) MEMORIE intorno alla vita etc. pag. 94.

tistite, que a todos captiva pela amabilidade e lhanza do seu fino trato.

Allie-se a esta delicadeza inexcedível de maneiras uma fé vivíssima, uma piedade esclarecida, uma vontade energica, guiada peia mais consummada e conciliadora prudencia, e uma paciencia infatigavel, no meio dos mais arduos trabalhos do seu munus pastoral, e obtem-se o retrato do apostolico Prelado, que faz hoje a felicidade da diocese d'Angra.

Todos estes nobilissimos dotes se revelaram, mais uma vez, na interessante visita pastoral que o snr. D. Francisco Maria de Souza do Prado de Lacerda acaba de fazer á mais antiga das ilhas do seu vasto bispado. Havia 124 annos que a ilha de Santa Maria, no archipelago dos Açores, não tinha sido visitada por um Bispo!...

Não é pois facil descrever o enthusiasmo, a alegria e o regosijo d'aquelle bom povo na recepção brilhante que fez ao seu Prelado.

A visita pastoral, fertil em fructos de benção e de salvação, pelos aturados trabalhos e esforços do eminente Antistite, foi uma verdadeira missão. Toda a população correu pressurosa ao sagrado tribunal da penitencia, para em seguida receber os efeitos admiraveis do santo chrisma.

Houve muitas conversões, desappareceram odios inveterados, fizeram-se restituções, acabaram escandalos e santificaram-se uniões illicitas.

Para mais radicar nas almas os benéficos efeitos da sua visita, promoveu o apostolico Prelado a restauração da Ordem Terceira de S. Francisco, a instituição d'algumas confrarias e a organização em todas as parochias do Apostolado da oração, ficando alistadas na Pia União do Sagrado Coração de Jesus cerca de 6:000 pessoas!

A gloriosa passagem do ex.^{mo} snr. D. Francisco Maria por aquella ilha foi um verdadeiro triumpho para a Religião, já pelas provas d'estima e veneração de que cercaram sua sagrada pessoa as dignas auctoridades, cavalheiros e religioso povo, já pelos bens e graças espirituaes que receberam as almas, já pelos relevantes serviços prestados á Igreja e ao Estado.

Gloria ao divino Coração de Jesus!

Ponta-Delgada, 31 de julho de 1890.

J. J. R. M.

Impressões de viagem d'um padre portuguez

Snr. Redactor.

FIXEI Portugal ha perto de 4 semanas por causa de certos negocios que me chamaram para França, Belgica, Allemanha, Hollanda e Inglaterra, e agora de volta a Lisboa sinto o desejo de communicar por modo de cavaco tambem a outros algumas das minhas impressões. Para esse fim peço o favor d'um cantinho no seu excellente periodico.

Principio por declarar que desde a minha ordenação de padre sempre teimei em vestir batina, até em viagem. Para que me envergonhar de vestir a libré da Igreja, do Reino dos Ceos, se todos os militares e empregados se honram em vestir a libré do seu rei ou governo? Centenares de *pums* e outros mimos que apanhei aqui em Lisboa e em outras cidades nossas, me tornaram completamente callejado contra esta especie de insultos. Bem sabia que havia de demorar-me em paizes protestantes como a Hollanda e Inglaterra, aonde a batina é quasi inteiramente desconhecida; não obstante isto quiz fazer esta minha 1.^a viagem mais extensa de batina. Não haviam de matar-me por causa d'ella, e se aprendi a não me incomodar com *pums* portuguezes, esperava o mesmo a respeito de *pums* em francez, allemão ou inglez.

Fiquei muito satisfeito com a experiencia; pois para o confessar desde já, achei que o Padre Senna Freitas tinha muita razão, quando, comparando Portugal com os outros estados europeus, disse que Portugal era o grande garoto da Europa. Não só em toda a republicana França e Belgica, aonde todos os padres vestem constantemente a batina, mas tambem na Hollanda, Allemanha e Inglaterra fui respeitado por todos, seja no caminhos de ferro ou vapores, seja nas ruas ou praças mais frequentadas das cidades. Na Hollanda e Inglaterra, sim, excitei bastante a curiosidade publica, mas não notei nem uma palavra ou gesto injurioso; até observei que quasi todos dissimulavam esta curiosidade em quanto os tinha de face, e só depois d'eu ter passado adiante, paravam para contemplar-me á vontade. O peor que me aconteceu foi n'uma *gare* ingleza. Dois jovens brincalhões desataram em gargalhadas quando de repente me avistaram; comtudo reparei como faziam esforço para dissimularem que riam por minha causa.

Nos caminhos de ferro portuguezes um padre de batina, que gosta de ficar sosinho, não precisa mais que assentar-se á entrada d'um compartimento e mostrar-se á portinhola. Quasi todos os

viajantes fogem d'elle. Effectivamente para a maior parte dos nossos «illustros», isto é crassos ignorantes em materia de religião, historia e civilidade, uma batina é o maior espantallo. Usei d'este expediente em Portugal muitas vezes; no estrangeiro não tirei d'elle resultado algum.

Quanto ás egrejas, achei por toda a parte entre catholicos um grande enthusiasmo; uma igreja mais bella e mais rica do que a outra. Ou são inteiramente novas, edificadas com as esmolas do povo, ou restauradas e ricamente ornamentadas. Não quero só fallar dos grandiosos monumentos catholicos como a basilica de Montmartre em Pariz, Brompton-Oratory em Londres, Igreja do Sagrado Coração e de S. Nicolau em Amsterdam, Cathedraes de Colonia, Bruxellas, Autuerpia etc., não tambem em cidades mais modestas, em humildes villas e aldeas, por toda a parte se encontram ou egrejas novas ou renovadas, unicamente pelo zelo dos fieis que nol-as mostram com justo orgulho. Como portuguez catholico não pude deixar de lastimar, á vista d'isto, a indiferença da maior parte do nosso povo para com as casas de Deus. Pois não se pode negar que egrejas novas, feitas por iniciativa dos proprios fieis, são entre nós uma grande raridade. Para as egrejas mesmas, sua ornamentação, paramentos etc. poucos tem interesse; se gastam algum dinheiro então é mais para espallafato, para armações, musicas, fogo etc.

Não menos triste fiquei comparando o abandono das nossas egrejas nos dias de semana com a frequencia que observei nos mesmos dias em varias partes da França, Allemanha e Hollanda. Foi em dias de semana que visitei tres egrejas parochiaes d'uma pequena cidade da França; em todas achei um grande numero de devotos de todas as classes da sociedade; o mesmo observei na igreja do S. Coração e na dos Redemptoristas em Amsterdam; n'uma pequena cidade industrial allemã em dia de semana ordinario vi ás 6, ás 7 e ás 8 horas assistir numerosos fieis á santa missa; n'aquella das 6 horas sobretudo operarios e operarias de fabricas, que assim se preparavam para a pezada tarefa do dia. Se o povo portuguez em geral mal aos domingos se acerca do altar e considera como *grande beaterio* procurar a casa de Deus em dias de semana, confessemol-o, a culpa é mais nossa, do clero, do que d'elle. Se nós dirigissemos ao povo instruções e praticas tão frequentes e tão adaptadas á sua comprehensão como os sacerdotes francezes, allemães, hollandezes etc.; se nós annunciássemos pelo sino da igreja a missa quotidiana e a dissessemos a uma



hora fixa, como entre elles se pratica, certamente tambem entre nós as egrejas seriam casas de oração não só ao domingo, mas todos os dias.

E o que direi de tantas outras manifestações da actividade da vida religiosa? Quasi não encontrei freguezia, aonde não houvesse fora das confrarias puramente de devoção grande numero de outras obras e emprezas catholicas: conferencias de S. Vicente de Paulo, escolas para pobres, azylos para orphãos, sociedades para proteger os aprendizes e officiaes catholicos, sociedades para fornecer paramentos à egreja propria e a outras mais pobres, sociedades para aperfeiçoar o canto gregoriano e a musica ecclesiastica, circulos de operarios catholicos, etc., etc.

Se puzesse em paralelo o comportamento dos catholicos dentro de suas egrejas em Portugal e n'estas terras estrangeiras, mais uma vez o resultado seria vergonhoso para nós. O que alli observei quasi sempre foi um grande silencio, respeito, sincera fé e devoção que se divisava nos semblantes e em toda a attitude: e o que é o comportamento dos portuguezes nas suas egrejas, principalmente nas cidades, salvas honrosissimas excepções, os leitores bem o sabem.

Longe de mim querer achar bom tudo o que se encontra no estrangeiro, e criticar tudo o que ha entre nós. Não, antes pelo contrario. Porém não podemos nem devemos tapar os olhos ás verdades incontestaveis. Comparando o espirito religioso dos catholicos dos povos mencionados devo declarar, que os portuguezes devem indubitavelmente occupar o ultimo degrau.

Lisboa 11—8—90.

* * *

Missa a bordo

ASSISTIR a uma missa a bordo não é dado a muitos; mas todos aquelles que alguma vez assistiram com sentimentos de fé ao santo sacrificio dos nossos altares, como que suspensos entre os abysmos do mar e a amplidão da aboboda celeste, certamente ficaram profundamente impressionados.

Ha poucos dias tivemos a fortuna d'assistir a uma missa a bordo de uma fragata franceza surta no nosso porto. Os marinheiros haviam construido junto ao mastro principal uma especie de capella-mór com bandeiras enormes, formando a bandeira brazileira com a sua grande cruz o retabulo do altar, immediatamente à direita estava a nossa bandeira das quinas e à esquerda a

bandeira franceza; outra bandeira franceza formava o frontal do altar.

N'esta especie de capella mór tomaram logar o commandante e mais officiaes da fragata, bem como uma guarda de honra militar, em quanto que o resto da fragata servia de nave de egreja para os marinheiros. Note se bem que a fragata não tem capellão proprio e que os marinheiros são completamente livres em assistirem ou não aos actos religiosos. Os commandantes por sentimentos de fé, convidam nas diferentes estações navaes algum sacerdote para lhes dizer missa, a que costumam assistir todos os officiaes e marinheiros com raras excepções. É bello e sublime o quadro que durante a missa se offerecia aos nossos olhos. As palavras do sacerdote eram apenas interrompidas pelo balouçar das ondas que parecia virem render homenagens ao Deus vivo que se immolava no altar. De quando em quando o commandante da guarda de honra faz-se ouvir para determinar a posição devida nas diferentes partes da missa. A consagração á voz de «à genoux» «joelho em terra» quasi 400 marinheiros se prostiram em adoração ao mesmo tempo que o tambor e clarim acclamam á gloria do Deus dos exercitos descido do céu para junto da marinhagem fiel e crente!

No meio da alegria e intima satisfação que nos causava este espectáculo, um pensamento doloroso nos opprimia o coração, a lembrança do nosso pobre Portugal! Aparecem aqui de vez em quando esquadras de nações protestantes, esquadras allemãs, inglezas, norteamericanas, apparecem navios de guerra francezes, austriacos etc.; notamos sempre como os commandantes se interessam pela religiosidade dos subditos, ou mandando a marinhagem catholica assistir formada á missa nas egrejas da cidade, ou procurando ter missa a bordo por capellão ou qualquer sacerdote que a isso se preste. Só nos raros navios de guerra portuguezes vemos um completo desprezo ou ao menos grande indiferença pelas praticas religiosas da parte da marinhagem e de seus officiaes.

Teria sido assim nas epochas gloriosas da nossa historia? quando nós dominavamos os mares, quando as nossas colonias eram as mais ricas do mundo, seriam os nossos marinheiros tão indifferentes nos deveres religiosos?!

Sabemos que não! Abandonamos a Deus e Deus nos abandonou.

Se queremos voltar a ser grandes e honrados, voltemos antes de tudo para Deus!

Funchal, junho 1890.

* * *

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Da existencia e do instituto dos Jesuítas pelo Padre Xavier de Ravignan, da Companhia de Jesus.—É um livro muito apreciavel, no qual o auctor, que foi um juris-consulto afamado e tambem teve preconceitos contra a benemerita e prestimosa Companhia de Jesus, vinga os filhos de Santo Ignacio das accusações, que os ignorantes lhe faziam, e continuam fazendo em nossos dias, talvez com mais encarniçamento do que quando o Padre Ravignan escreveu o seu apreciabilissimo livro.

No livro se diz o que são os jesuítas, a sua organização, os fins santos que teem em mira, o seu procedimento desde que o seu instituto foi fundado, etc., e se pulverisam as principaes accusações, que contra estes prestimosos filhos de Santo Ignacio e benemeritos da religião e da sociedade se teem levantado.

«Este livro merece ser lido», disse um jornal pouco suspeito de clericalismo e de jesuitismo, de Lisboa (Vid. *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, d'agosto), apesar de, juntamente com este elogio á obra do Padre Ravignan, escrever algumas tolices contra os jesuítas. O mesmo dizemos nós: o livro merece ser lido, e principalmente por aquelles que ainda tenham na mioleira algumas teias d'aranha, que lhe não deixem ver a Companhia de Jesus tal qual é e o tem sido desde a sua instituição.

Vende-se na administração do *Novo Mensageiro*, rua do Quelhas, Lisboa.

Manual de Piedade Christã para uso dos fiéis e das pessoas devotas. Traduzido e compilado, em grande parte, das obras asceticas de S. Afonso de Liguário, contendo uma grande copia de orações indulgenciadas, varios exercicios, canticos piedosos, etc. pelo presbytero Miguel Ferreira d'Almeida, doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da Santa Basilica-Cathedral de Loreto, examinador pro-synodal, professor de philosophia thomista no seminario episcopal de Vizeu e antigo missionario apostolico.—2.ª edição correcta e muito augmentada. Com approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo de Vizeu.

Este livro já é conhecido do publico piedoso. A primeira edição esgotou-se rapidamente e a segunda era esperada com anciedade. Grande serviço prestou, pois, o snr. Manuel Malheiro, benemerito e acreditadissimo editor catholico portuense, reeditando-o.

O nome do auctor basta para garantir que a materia seria escrupulosa-



Apedrejavam Estevão, o qual orava e dizia:—Senhor Je-u-... recebe meu espirito... e não lhes tome: em conta este peccado. (Act. Apost. VII)



Homens tementes a Deus trataram com grande dôr de sepultar Estevão. (Act. Apost. VIII)

mente escolhida. Da fonte, onde o mesmo foi beber, brota a mais crystallina agua.

Recommendando este apreciavel livrinho de piedade aos nossos leitores, não fazemos favor ao editor: fazemol-o aos presados assignantes, conscios de que lhes indicamos a aquisição d'um bom livro.

No Ceu nos reconheceremos. Cartas de consolação escriptas pelo R. P. Blot, da Companhia de Jesus, traduzidas da 19.ª edição franceza pelo Padre Francisco Soares da Cunha, Presbytero secular. Segunda edição novamente corrigida e approvada pelo Em.º Snr. Cardeal Patriarcha.—Editora a administração do *Novo Mensageiro*, Lisboa.

O fim d'este livrinho é provar o que o seu titulo indica—*no ceu nos reconheceremos*, verdade que era e é ainda hoje confutada por muitos.

O auctor conseguiu-o á provar? Não seremos nós que respondamos á pergunta; a ella respondem as numerosas cartas, que o piedoso jesuita Blot recebeu, de Prelados e pessoas piedosas, agradecendo-lhe o seu livro, e encomiando o seu excellente trabalho, que veiu fazer cair as escamas dos olhos a muitos, mesmo a pessoas d'alguma piedade.

E' um livro precioso, que não nos cançaremos de recommendar.

Escala de leitura pelo Padre J. A. Guedes, professor jubilado em Penacova.

E' um livrinho que preenche o fim a que se destina. Reconheceu isto mesmo o nosso governo, approvando-o, e muitas conferencias pedagogicas, que lhe concederam encomios.

Vem repleto de contos infantis, muito proprios para attrahir a attenção das criancinhas, e todos muito moraes.

Parabens ao seu auctor.

Escala de leitura ou collecção de lições e exercicios methodicamente combinados para aprender a ler com facilidade, dedicados especialmente a seus discipulos pelo Padre J. A. Guedes.

Parece-nos um excellente methodo para o ensino das criancinhas de primeiras lettras. Melhor, porém, o poderão dizer aquelles que se dedicam ao espinhoso mister de mestres da infancia. O que se vê por este livrinho é que o seu auctor trabalha, como poucos, para auxiliar os meninos nos seus primeiros passos na escola.

Exercicios Espirituaes de Santo Ignacio, propostos ds pessoas seculares pelo R. Padre João Pedro Pinamonti, da Companhia de Jesus. Traduzidos da lingua italiana pelo R. Padre Miguel do Amaral, da mesma Companhia. Nova edição, com permissão de Sua Eminencia Reverendissima o Snr. D. Americo, Cardeal Bispo do Porto.

O snr. Manoel Malheiro, benemerito editor catholico, proprietario da Livraria Catholica Portuense, empresa abençoada por Sua Santidade Leão XIII e por diversos Prelados portuguezes e brasileiros, acaba de publicar um precioso livro. Intitula-se—*Exercicios Espirituaes de Santo Ignacio*, propostos ás pessoas seculares pelo rev. Padre João Pedro Pinamonti, da Companhia de Jesus, traduzidos da lingua italiana pelo rev. Padre Miguel de Amaral, da mesma Companhia.

Estes exercicios comprehendem orações mentaes ou meditações, exames e lições spirituaes.

Serve este livro para se fazerem exercicios spirituaes durante oito dias e se destinam quatro meditações para cada dia; não, como diz o seu illustrado auctor, para todas quatro se meditarem necessariamente, mas para d'ellas se escolherem as mais efficazes.

As meditações pertencem ás tres vias: purgativa, illuminativa e unitiva. As meditações da via purgativa dirigem se todas a purificar o nosso coração por meio da fé avivada com uma attenta consideração. As da via illuminativa leem por fim, depois de purificado o coração, introduzir n'elle e na alma as disposições d'uma verdadeira caridade. incitando-se a imitar Jesus Christo em todas as virtudes com a consideração dos mysterios da suavidade divina e da sua santissima morte. As da via unitiva teem por alvo, depois de disposta a alma pela imitação de Jesus Christo, acender n'ella e no coração o fogo da caridade mais perfeita, ultimo termo a que conduzem esses exercicios que se fazem, de sorte que pela mesma caridade se una a alma tanto com Deus, que chegue por affecto a ser o mesmo espirito com elle, como diz o Apostolo.

Não é nosso intuito fazer o elogio do livro, porque o seu titulo, e os nomes do auctor e traductor, membros da benemerita Companhia de Jesus, bastam para o recommendar.

Este livro, que é um volume de 400 paginas, custa 500 reis e vende-se na livraria do editor, á rua da Picaria, 83, Porto, e na de Teixeira de Freitas, em Guimarães.

SECÇÃO NECROLOGICA



In memoria aeterna erit justus....

FEIFOU SE uma existencia; extinguiu-se uma vida; desprendeuse do involucro terreno, semelhante á folha que o vento despega, sacode e arrebatá, uma alma acrisolada de virtudes, ataviada de boas obras, finalmente toda inspirada para o exercicio constante do bem.

D. Engracia d'Oliveira Almeida, esse nome gentil e popularissimo, essa creatura nobilissima em acções, grande em merecimentos, já não existe... não vive... deixou este misero desterro, foi restituída ás mãos de Deus.

Dotada de genio docil, pacifico e affectuoso; de coração probo, generoso e compassivo; de sentimentos genuinamente catholicos; era o prototypo da caridade, a apothese da mulher como christã, esposa e mãe; vimol-a repetidas vezes praticar o bem, exercitar actos de consummada piedade, tão sómente pelo amor, honra e gloria de Deus, sem a menor ostentação e vaidade; cumprindo fiel e cathegoricamente o salutar preceito do Evangelho,—sem que uma das mãos soubesse o que a outra fazia;—por isso penetrando na humilde choupana do miseravel, minorava-lhe a sua desgraça; ao desventurado, ao infeliz que, cercado de numerosa familia, oppresso pela adversidade e desdita, lhes levava o allivio e socorro; ao enfermo que prostrado no leito de dôr, que accumulado de angustia, de immensos males, o fortalecia com palavras de consolação, o suavizava com o balsamo da caridade.

Durante uma enfermidade longa, pertinaz e dolorosa, tornou-se martyr no soffrimento, intrepida na resignação, sublime na paciencia, até que emfim não podendo resistir aos estragos do mal, baldados os esforços da sciencia, foi roubada aos desvellos e carinhos da familia; succumbindo na manhã do dia quatro do mez preterito; acabou *in osculi Domino*, findou o curso d'esta vida transitoria, com aquella verdadeira paz d'espirito e socego d'alma, adormeceu com o somno dos justos.

Talis vita, finis ita.

O seu passamento foi bastantemente sentido, não só pela propria familia que extremamente a amava, mas também por todos aquelles que tiveram a dita



de a conhecer mui de perto, e apreciar o apanagio de suas virtudes.

Se a lousa sepulchral cerrou á nossa vista o seu corpo, se a negra sombra da morte eclipsou esse astro fulgentissimo, caracter da caridade—se o tempo que passa, tudo esquece; oh! a sua memoria será eterna, as suas acções beneficicas e obras meritorias, não já mais cahirão no olvido.

In memoria æterna erit justus.

Deus Nosso Senhor tenha sua bella alma cercada de luz, radiante de gloria; eu compartilhando da intensissima dôr que ora dilacera os corações do esposo e filha, os acompanho em lance tão angustiado, afflictivo, e de vasta saudade.

Deus lhes haja dado a resignação para soffrerem junto á cruz, tão profundo, como cruel golpe.

E tu, anjo da caridade, alma hêmfaceja, que tão prematuramente voaste ao seio de teu Creator, oh, não te esqueças jámais de quem cá n'esta solidão ficou sem a tua convivencia e protecção; enquanto que eu, conformado com os decretos da Providencia, imploro uma prece pelo teu sempiterno descanso.

Requiem æterna dona ei Domine, et lux perpetua luceat ei.

Guimarães, 4—9—90.

Um assignante.

RETROSPECTO

O tratado anglo-portuguez.—No dia 20 d'agosto foi assignado em Londres o tratado anglo-portuguez, como os leitores já devem ter noticia, bem como das suas bases.

Este tratado, tal como foi redigido, que é uma verdadeira espoliação para a nossa patria, levantou vehementes protestos, como não podia deixar de levantar, porque, felizmente, em Portugal, apesar do estado de decadencia moral e physica a que se chegou, ainda ha corações que pulsam vehementemente pelo abençoado torrão, em que nasceram.

De facto, não ha memoria d'um tratado tão expoliador como o de 20 de agosto.

Portugal cede tudo que á rapacidade ingleza aprouve talhar para si. Cede amplos territorios, permite a livre navegacão nos nossos rios, compromette-se a *proteger* (!!) os *missionarios* protestantes nos nossos territorios além-mar, e, para cumulo de vergonha e attestado incontroverso da ineptia dos nossos negociadores diplomaticos, obriga-se a não dispôr dos territorios, que o leopardo inglez lhe deixa pelo trata-

do, sem «previo consentimento» da Inglaterra!

Parece incrível que houvesse homens d'Estado, que tivessem coragem d'assignar tratado tão ignominioso para Portugal!

De todas as clausulas do tratado, aquella que reputamos mais grave, e que de modo algum deve ser approvada, é a que preceitua que o nosso governo se obriga a *proteger* os *missionarios* protestantes nos nossos territorios.

Como é que um paiz catholico, apostolico, romano, (segundo o artigo 6.º da Carta) pôde conceder protecção a *missionarios* que vão ensinar aos povos, que lhe estão sujeitos, uma religião diferente da que esse Estado professa? Como se pôde rasgar d'este modo um artigo do nosso codigo fundamental, o que, além de ser um monstruoso attentado á lei, é um insulto ás crenças da grande maioria dos subditos portuguezes?

Esquecer-se-ia o nosso governo dos *serviços* que os *missionarios* escossezes nos tem prestado em Africa, incitando os regulos a revoltar-se contra as nossas auctoridades? Esquecer-se-ia que Silva Porto, o nosso prestimoso sertanejo, morreu tragicamente, segundo uns, por não poder lutar com as intrigas dos *missionarios* inglezes, que lhe minaram o prestigio ante os regulos, e, segundo outros, assassinado pelo chefe d'esses *missionarios*, que, tendo entrado em casa de Silva Porto, lhe encheu o quarto de barris de polvora e lhes lançou o fogo, estando dentro d'elle aquelle prestimoso filho de Portugal?

Os vexames, porque actualmente estamos passando, são devidos aos erros do governo portuguez. É um justo, embora duro castigo das nossas faltas.

Tinhamos frades que, ardendo em amor pela salvacão das almas, penetravam no coração da Africa, evangelisavam-na, civilisavam-na e tornavam os indigenas amigos fieis da nossa amada patria.

O sopro de revolução, que açoilou Portugal, derrubou esses feracissimos viveiros d'homens apostolicos, que eram seguro esteio do nosso dominio ultramarino, expatriou o frade como incompatible com a *liberdade* e deixou a Africa abandonada a si mesma, com as portas abertas de par em par para o *missionario* protestante, que se soube aproveitar da ineptia de Portugal para ir lançando as raizes do pretendido dominio da Inglaterra n'aquellas regiões.

«Salvem-se os principios, embora se percam as colonias», era a divisa dos homens officiaes d'então da nossa infeluzina da patria. A Providencia fez-lhes a

vontade: os principios ahi estão de pé, firmes como rochas, dando diariamente os seus *preciosos* fructos; as colonias... se ainda se não foram todas, irão breve, se não arripiarmos caminho e enveredarmos pela verdadeira senda.

Hoje todos berram contra o latrocínio da nossa *fiel* alliada; mas ninguem se lembra de que, se o frade não tivesse sido expulso da Africa, o nosso dominio seria actualmente alli real e não ficticio, e a Inglaterra não teria motivo para nos enviar o *ultimatum* de 11 de janeiro e o tratado de 20 de agosto.

Servirá isto de lição a Portugal, e poderemos esperar que nas regiões officiaes acabem de vez os estupidos preconceitos contra os frades e as Irmãs, auctorisando-os a estabelecer-se na nossa amada patria como entidade juridica? Oxalá!

É uma verdade, que hoje ninguem de sã rasão se atreve a contestar, que não podemos conservar as nossas colonias sem as civilisarmos. E quem as ha-de civilisar senão o frade? As potencias protestantes, que nos ultimos annos ambicionaram colonias e as vão conseguindo, mandam para lá, subsidiando-as, missões catholicas, recrutadas nas Ordens religiosas. Imitemos-lhes o exemplo, se não queremos vêr desaparecer como por encanto das nossas mãos as nossas provincias ultramarinas, que foram regadas com o sangue de nossos *missionarios* e o de nossos soldados.

ORDENS RELIGIOSAS! FRADES PARA AS NOSSAS COLONIAS! seja o grito de todos os portuguezes, que presam e amam a sua patria. Sem umas e outros é uma utopia querermos colonias.

Milagres! milagres!—No mez d'agosto dirigem-se sempre a Lourdes numerosas peregrinações, acompanhadas de doentes, a maior parte julgados incuraveis pela medicina, que vão áquelle lugar, santificado pela presença da Virgem Santissima, pedir-lhe a sua cura. É quantos a teem obtido por intercessão d'aquella Santissima Mãe!

Em direcção a Lourdes, passou por Poitiers uma peregrinação franceza.

No dia 19 d'agosto houve uma magnifica procissão, feita pelos peregrinos, a Santa Radegonda. O rev.º Bernard, parochio da cathedral de Meaux, celebrou, n'um bello discurso, as glorias da Santa. N'aquella hora, durante a missa, dois enfermos, uma creança e uma mulher, levantaram se curados!

Concedamos a palavra, sobre estas curas maravilhosas, a um religioso, que, á pressa, no proprio trem dos doentes, escreveu o seguinte á *Croix*: «Em caminho, perto de Ruffec.—Sei,

por uma testemunha occular, certas minucias sobre duas curas, operadas em Santa Radegonda. Apresso-me a participar-vol-as: 1.ª Um tal C..., de 50 annos pouco mais ou menos, alojado em Poitiers em casa da snr.ª Leslang, entrou esta mesma manhã completamente estropeado em Santa Radegonda; arrastava-se penosamente, apoiado a duas muletas. Orou com fervor junto do tumulo da santa e ergueu-se completamente curado. Entregou as muletas a um amigo, e saiu radiante, da igreja. Na sua alegria, poz-se a dançar na praça.

A multidão rodeia o, acclama-o e obriga o a contar a historia da sua doença, ao que elle se presta da melhor vontade; em seguida a multidão reclama o attestado certificador da sua doença. Um Padre (que foi quem me deu estas informações), leu em voz alta um attestado com data de 23 de maio de 1890, assignado pelo medico-director do Hôtel-Dieu de Saint-Quentin, constatando que um fulano Machuelle estava, n'aquella epocha, atacado d'ataxia locomotora e absolutamente impossibilitado de ganhar a vida. A multidão applaudiu.

O doente declara que se sente completamente curado; mas como julga não ter ainda forças para poder trabalhar no seu antigo officio, vae a Lourdes, com a certeza de que a SS. Virgem lhe dará todo o seu antigo vigor.

Os donos das pequenas lojas instaladas nas ruas visinhas da igreja reconhecem n'este homem valido e radiante d'alegria o pobre enfermo a quem pranteavam alguns instantes antes; abandonam as suas lojas e o seguem, gritando entusiasticamente: «Viva Santa Radegonda!»

2.ª No mesmo instante sae da igreja uma creancinha de quatro annos. Sua mãe, que a leva nos braços, põe-na em terra: a creança larga a correr. Esta mãe, chorando copiosamente, exclamava: «E' a primeira vez na sua vida que ella caminha só; antes não se tinha de pé sem um aparelho. Acabo de lh'o tirar e de pol-o junto do tumulo de Santa Radegonda, interiormente impellida pela convicção de que meu filho estava curado.»

O pequeno foge das mãos da mãe e corre de lado para lado com uma alegria facil de comprehender.

3.ª Falla-se de notaveis melhoras obtidas por uma joven paralytica, que já se pôde servir dos braços, mas não ainda das pernas.»

Aqui termina a carta. Que dizeis a isto, ó impios e materialistas? Ha, ou não, milagres em pleno seculo XIX, no seculo das luzes... apagadas? Fallae, e se não acreditaes n'estes milagres, explicae-nos por favor—a nós, pobres

ignorantes!—como se cura repentinamente um paralytico, dado pela sciencia humana como incuravel.

Fallae, abri os olhos aos ignorantes; espalhae a jorros, por sobre nossas cabeças, a vossa sciencia, que tudo explica e resolve!...

Desgraçados! Inda que vos custe, haveis de curvar a cabeça ante os designios da Providencia e aceitar, apezar vosso, o reinado social de Jesus Christo.

Mais milagres! mais milagres!—Emudecei, livres-pensadores! A mão de Deus esmaga-vos. Businaes diariamente por toda a parte que os milagres são utopias de cerebros enfermigos e intelligencias incultas, e Deus, para vos esmagar a prosapia e a falsa sciencia, apraz-se em desmentir-vos, obrando prodigios sobrenaturaes, que a vossa razão e sciencia não explicam. Dobrae os joelhos, ó impios, e adorae o Senhor Deus de todos os exercitos.

Lêde o seguinte telegramma, que de Lourdes, em data de 23 d'agosto, ás 9 horas e 35 minutos da manhã, foi enviado a um jornal francez, já acima citado:

«Montem, dia admiravel! graças assignaladas, affluencia enorme. Ha peregrinações de Poitiers, de Bordeus, dos campinas d'Aude, de Montpellier, de Draguignan, os grupos de Narbonna, de Périgueux e d'Agen e muitos peregrinos isolados.

A' 1 e meia hora, reunião na igreja do Rosario, muito pequena para conter o innumeravel clero. O Padre Picard presidiu e recommendou aos Padres que tivessem fé, mas a fé que ora, que falla, que opera.

O Padre Garnier falla da santidade dos Padres, fonte da santidade dos fleis.

A's 2 e meia horas, erecção do Crucifixo nas grutas Espeluges (para ser collocado sobre a cruz). Seis mil peregrinos acompanham o crucifixo; os homens, descalços, conduzem-o n'um throno d'honra, ornado de flores atravez das sinuosidades da montanha durante 2 kilometros.

O abbade de Ligugé segue a procissão; muitos peregrinos levam palmas e exclamam: Viva Jesus! viva a Cruz!

Quando a imagem do Salvador foi elevada na cruz, houve applausos repetidos e novas acclamações.

A benção solemne foi dada pelo Padre Abbé! O Padre Maria Antonio, n'um bello discurso acclamou a Cruz, Leão XIII e a Igreja catholica, e a França de Maria.

A fé suscita acclamações entusiasticas e principalmente gritos de: Viva Nossa Senhora da Saude!

A's 4 e meia horas, na passagem do SS. Sacramento, contempla-se um espectáculo commovente: o entusiasmo cresce durante o trajecto da Gruta à Basilica.

Entre as curas operadas durante o dia, contam-se: dois tumores brancos, um tumor canceroso, uma paralyisia, uma atrophia de perna e uma myelite.

A peregrinação de Poitiers partiu ás 3 horas com Mons. Juteau, que abençoou a peregrinação da Saude.

A' noite, apesar da partida de numerosos peregrinos, houve procissão *aux flambeaux*. O Padre Alfredo orou, celebrando o dia que viu o triumpho da Cruz, o triumpho do SS. Sacramento e o triumpho de Maria.»

Ainda mais milagres!—Ah! como a impiedade ficaria esmagada ante a omnipotencia de Deus, se toda ella estivesse em Lourdes no mez d'agosto, e principalmente desde o dia da Assumpção da Virgem até ao fim do mez!

Ouçamos o relatorio de duas curas milagrosas.

Uma foi a d'uma surda-muda de nascença; o telegramma, em que se relata esta cura, acrescenta: *ELLA FALLA!*

«A verdade, diz mais o referido telegramma, é que ella ouve todos os sons e articula aquelles que lhe fazem articular, bem como palavras; mas não sabe ainda fallar.»

Louvemos a Deus que, n'esta epocha d'incredulidade estúpida, obra taes prodigios para fazer cair as escamas dos olhos á impiedade!

A outra cura foi a de Luiz Vallois Felix, morador na rua Armée, 21. O relatorio d'esta cura milagrosa foi escripto pelo Padre Clabaut, director da hospitalidade da noite em Amiens, sendo o referido relatorio dictado pelo snr. Leão Hébert, *mair*e de Notre-Dames-Roches, cantão d'Athis (Orne).

Ouçam! ouçam!

«Luiz Vallois estava ha dez annos côxo e soffria tanto, que algumas vezes tentou suicidar-se.

«Impio, blasphemador, disse-me depois da sua conversão: «Senhor, eu nunca roubei 5 reis a ninguem; á parte isso, fiz tudo o mais. Nunca tive religião alguma; apenas de tempos a tempos, no excesso de meus soffrimentos, tinha alguma lembrança para Deus. Vim a Lourdes conduzido por minha mulher e apoiado nas minhas muletas. As Conferencias de S. Vicente de Paulo de Bordeus pagaram-me a viagem até Lourdes e deram-me dinheiro para viver. Ha dez annos que não posso trabalhar, e por isso estamos na mais atroz miseria.»

Jantou connosco sexta feira; acabava de ficar curado, e para mostrar que já

não soffria nada, bateu fortemente com o pé no chão e correu como uma lebre. A sua cura teve logar no dia 22 do corrente (agosto), oitava da Assumpção de manhã; foi elle que me escreveu o seu nome e a sua morada. O seu medico dizia d'elle: «E' um cadaver incuravel!» Desde que está curado, não blasphema, e agradece ao bom Deus.»

Desgraçados impios, que diariamente encheis a bocca para afirmar que não ha milagres:—ponde os olhos n'isto, e, se não sois cegos voluntarios, dizei nos com a mão na consciencia: ha ou não milagres em pleno seculo XIX?

Ficamos aguardando a vossa resposta.

Uma Irmã da Caridade «raptada».

—As trombetas liberangas da imprensa bradaram ha dias—álerta—contra um horrendo caso de sequestro, praticado pelas benemeritas Irmãs hospitaleiras dos pobres pelo amor de Deus, vulgò Irmãs da Caridade ou Irmãs hospitaleiras Portuguezas. A imprensa portuense, principalmente, signalou-se n'esta grande campanha liberal, verberando acerbamente o procedimento das Irmãs, e pedindo em altos brados e descompostamente a mais severa punição, em nome da liberdade offendida, para os auctores de tão horrendo feito.

O moíno caso era assim contado pelas businas liberangas:

N'uma casa d'estas Irmãs, em Guimarães, estava uma menina, Amelia Curraes no seculo, e Irmã Paraiso em religião. Esta, desgostosa com a vida ascetica que levava, e enfastada de tal viver, escreveu á mãe para a ir buscar ao instituto a fim de subtrair se á vida *amargurada do convento*. Apenas as Irmãs souberam d'esta resolução, pela calada da noite, quando apenas, de longe a longe, se ouvia o piar triste dos mochos e o ciciar das arvores, levemente açoitadas pelo vento, metteram n'uma carruagem, hermeticamente fechada, a Irmã Paraiso e trouxeram-na violentada para uma das casas do instituto, no Porto.

A mãe da Irmã Paraiso, indo procurar a casa das religiosas em Guimarães, soube alli a triste noticia de que sua filha já se não abrigava sob aquelle tecto. Imagine-se o desespero da pobre mãe! Corre como louca por todos os beccos e ruas de Guimarães, berra atroadoramente, bate aqui, inquire acolá, até que enfim lhe surge pela frente um anjo bom:—o cocheiro que conduziu a Irmã Paraiso de Guimarães para o Porto, e informa compassivamente a desolada mãe do novo paradeiro da filha. A mãe corre, vò de Guimarães ao Porto e—oh! decepção!—sua estremecida filhinha fòra mais uma vez ar-

rebatada pelas Irmãs, que do Porto haviam conduzido a Irmã Paraiso para Lisboa, onde está a casa-mãe das hospitaleiras, nas Trinas de Mocambo.

Os flos telegraphicos trabalham então dia e noite ininterruptamente para descobrir o paradeiro da sequestrada: o commissario de policia do Porto e os seus agentes andam n'um rodopio para farejar o cubiculo onde está clausurada a joven, e, ao fim d'herculeos esforços, conseguem saber que ella poisou em Lisboa, nas Trinas de Mocambo, precisamente onde as Irmãs do Porto disseram que ella se achava!

Victoria! victoria! clamam os jornaes liberangas! A liberdade não foi d'esta vez calcada aos pés. A Irmã Paraiso foi achada e intimada pelo commissario de policia de Lisboa a vir para o Porto para ser entregue á mãe, que chora noite e dia lagrimas como boga-lhos por lhe haverem roubado a sua estremecida filhinha, uma MENOR de 19 ANNOS, a quem o Jesuitismo, por intermedio das Irmãs de Caridade, roubou aos paes para a metter nos seus negros institutos.

Efectivamente a Irmã Paraiso chegou ao Porto e foi entregue a sua mãe.

«Triumphamos! triumphamos! clamaram os liberaes azues e vermelhos. A Irmã Paraiso foi arrancada ás garras do Jesuitismo, e lá vae, acompanhada da mãe e do seu noivo, para o seu lar. Viva a liberdade!»

Foi assim, em substancia, que as gazetas publicas, que costumam d'explorar o escandalo para fazerem jus aos dez reis do Zé Povinho, ingenuo e credulo, contaram o caso do sequestro da Irmã Paraiso pelas Irmãs de Caridade.

Desnecessario será dizer aos nossos apreciaveis leitores que não ha sombra de verdade no que os jornaes liberangas disseram.

Como o caso foi relatado por elles, dava-se a entender que a Irmã Paraiso fòra, ha pouco, arrancada dos braços da mãe e levada para o instituto das Irmãs. Nada mais falso.

Desde criancinha que Amelia Curraes foi confiada ás Irmãs para a educarem, missão que ellas acceitaram caridosamente por amor de Deus, sem receberem da mãe a mais insignificante quantia. Aos 16 annos, mostrando a menina desejos d'entrar para o Instituto, foi acceite n'elle por dois annos, tendo a mãe conhecimento d'isto. Mais tarde reformou o seu proposito por mais cinco annos, praso que finda d'aqui a tres mezes.

Como Irmã, Amelia Curraes estava sujeita á sua superiora. Depois d'estar no Porto, foi mandada para Guimarães.

Ha pouco, por necessidade de serviço, foi lhe ordenado (como de quan-

do em quando o é a outras Irmãs, que nunca teem permanencia certa n'um determinado instituto) que viesse para o Porto, a fim de seguir d'alli para Lisboa.

A Irmã Paraiso obedeceu do melhor grado, e não escreveu carta alguma a sua mãe para a ir buscar a Guimarães. Esta carta é parto da imaginação da mãe da rapariga, ou dos benemeritos jornalistas portuenses.

A mãe de Amelia Curraes, que, segundo parece, tinha segundas vistas sobre a filha, alarmou-se com a sua partida de Guimarães, porque via n'isso frustrado o seu plano de a unir com um rapaz, algo endinheirado, que sempre a acompanhou na sua peregrinação aos jornaes do Porto, e a quem as gazetas mais tarde chamaram noivo da menina. D'ahi, o herreiro que a imprensa liberal levantou contra o pretendido sequestro da Irmã Paraiso, falseando tudo para melhor conseguir seus negregados fins.

E' mister, porém, que se saiba que Amelia Curraes, quando foi chamada ao commissariado de policia de Lisboa declarou áquella auctoridade que era falso que tivesse escripto a sua mãe pedindo lhe para a tirar do instituto das Irmãs, que era sua vontade continuar no instituto, e que era de maior idade.

O commissario insistiu na vinda da Irmã para o Porto, e a Superiora da Irmã Paraiso, para mostrar que na casa das Irmãs se não retem ninguem á força, promptificou-se a acompanhá-la e entregá-la á mãe.

Eis o que se passou.

Ficam, pois, desmentidas do modo mais solemne as afirmações dos gazeteiros liberaes: a Irmã Paraiso entrou desde criança para a casa das Irmãs; foi alli entregue e educada com consentimento da mãe, e portanto não houve sequestro nem coisa parecida; entrou como Irmã no instituto (que está approvedo pela respectiva auctoridade) porque quiz e sem violencia de ninguem; não tem 19 annos, nem é de menor idade, porque por uma certidão d'idade d'ella, que temos á vista, se vê que nasceu a 8 DE SETEMBRO DE 1867 na freguezia de S. Thiago de Villa Gova, concelho e comarca de Villa Real, districto ecclesiastico e diocese de Braga,—tendo, portanto, 23 ANNOS e sendo MAIOR.

«Menti, menti, que algo se consegue», disse Voltaire aos seus coripheus. O mestre encontrou bons discipulos nos jornalistas portuenses. Mentiram, calumniaram, envenenaram as intenções das Irmãs e conseguiram tirar do tecto protector d'um instituto religioso uma menina para a entregar nos braços... sabe Deus de quem!

Permitta Deus que não tenhamos,

mais tarde, de voltar a este assumpto, para agradecer aos jornaes portuenses o grande serviço que prestaram á menina, que arrancaram do instituto religioso com as suas mentirosas cantatas. Permitta Deus...!

F.

ANNUNCIOS

MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

Oração funebre

DO EX.^{mo} E REV.^{mo} SR. D. João Rebello Cardoso de Menezes

Arcebispo Titular de Larissa

Coadjutor e futuro successor de Lamego

RECITADA NAS SOLEMNES EXEQUIAS

CELEBRADAS NO SEMINARIO CONCILIAR DE BRAGA

NO DIA 10 DE JULHO DE 1890

Editor—JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

Preço=250 rs.—franco de porte

A' venda:—No Porto—Em casa do editor, rua da Picaria, 74 e nas principais livrarias; em Braga—Na Livraria Escolar, rua Nova do Souza, 47; em Guimarães—Na Livraria Internacional de Teixeira de Freitas (successores); em Lamego—Na livraria de Manoel d'Almeida Azeredo, rua da Olaria.

CONDE DE SAMODÃES

MEZ DOS FINADOS

MEDITAÇÕES

Para o mez de Novembro

Com approvaçào e indulgenciado por S. Em.^a o Snr.

CARDEAL, BISPO DO PORTO

Preço 400 réls

Pedidos com a importancia aos successores de Teixeira de Freitas—Guimarães.

SERMÕES

DO

P.^o AGOSTINHO DE MONTEFELTRO

Chegaram ultimamente de Roma os notaveis Sermões d'este eminente orador, prégados na egreja de S. Carlos, em Roma, durante a Quaresma de 1889, traduzidos e publicados pela redacção da «Correspondencia de Roma.»

Os dous volumes nitidamente impressos 1\$600 rs. Os mesmos pelo correio 1\$680 rs.

A' venda no deposito central de J. B. Carlos das Neves, rua das Flores, 224—Porto, e em Guimarães, na livraria de Teixeira de Freitas.

Manual de Piedade Christã

Para uso dos feis e das pessoas devotas

Traduzido e compilado, em grande parte, das obras asceticas de S. Affonso de Ligorio, contendo uma grande copia de orações indulgenciadas, varios exercicios, santicos piedosos, etc.

PELO PRESBYTERO

MIGUEL FERREIRA D'ALMEIDA

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da Santa Basilica-Cathedral de Loreto, Examinador pro Synodal, Professor de Philosophia Thomista no Seminario Episcopal de Vizeu, e antigo Missionario Apostolico.

2.^a edição correcta e muito augmentada, com approvaçào do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo de Vizeu.

1 volume de 624 paginas constituindo um magnifico e indispensavel livro de missa

Preço, encadernado 400 réls; brochado 320. A' venda na Livraria Catholica Portuense, de Manuel Malheiro—editor, rua da Picaria, 85 e 87—Porto, e na de Teixeira de Freitas, em Guimarães.

O MEZ D'OUTUBRO

CONSAGRADO A

NOSSA SENHORA DO ROSARIO

Traduzido do italiano sobre a versào franceza do Conego Hallex

PELO PRESBYTERO

MANUEL FRANCISCO DOS SANTOS PEIXOTO

Examinador pro-synodal do Bispado d'Angra, Pregador regio, Vigario da Parochial da Villa de S. Sebastião na Ilha Terceira, etc., etc.

PARA USO DOS SEUS PAROCHIANOS

Approvado, recommendado e indulgenciado pelo Ex.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, pelos Ex.^{mos} Rev.^{mos} Srs. Arcebispo de Braga e Bispos de Angra, Funchal, Lamego e Nilopolis.

1 volume de 256 paginas 200 réls.

Com linda capa de percaline 300 rs.

HISTORIA

DE

SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissào do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.^a edição portugueza

Preço. 600 réls

Pedidos com a importancia a Teixeira de Freitas, successores—Guimarães.

MANUAL DA PIA UNIÃO

DAS

FILHAS DE MARIA

SOB O PATROCINIO DE SANTA IGNEZ V. E M.

Compilado do Manual da União Primaria de Roma, do mesmo titulo, e de outros livros de piedade

PELO CONEGO

DR. ANANIAS CORRÊA DE AMARAL

E APPROVADO PELO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. BISPO DE PERNAMBUCO

E approvado e indulgenciado pelos Em.^{mos} e Rev.^{mos} Snrs.

Cardeal Patriarcha de Lisboa, e Cardeal-Bispo do Porto

e pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Director Geral da Pia União, em Roma

Este livrinho, indispensavel a todas as Filhas de Maria, por conter os estatutos da Pia União, e a regra que todas devem seguir, é tambem um verdadeiro livro de devoção, pois que além das orações de missa, confissão, communhão etc. etc. tem um copioso numero de devoções, praticas de piedade etc. etc. etc.

1 vol. de 480 paginas, com capa de percaline 400

Em melhor papel, folhas douradas etc. 600

Pedidos com a importancia aos successores de Teixeira de Freitas — Guimarães.